



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA: A HIPOSEGMENTAÇÃO E A HIPERSEGMENTAÇÃO

Bruna Duarte Nusa

Graciene Verdécio de Gusmão

Jucinéia Seraglio¹

Orientadores: Dr^a Vália Faria Cardoso-Carvalho

PPGL- UNEMAT

Dr. Dercir Pedro de Oliveira (convidado)

PROPP-UFMS

Resumo: Este trabalho tem como intuito mostrar o resultado de uma pesquisa sobre segmentações não convencionais (hipossegmentação e hipersegmentação) em textos escritos por alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). É fundamental destacar a importância de pesquisas que possam auxiliar como também, melhorar a qualidade do ensino na EJA, pois muitos dos alunos dessa modalidade argumentam que não podem dar continuidade aos estudos por trabalharem de forma integral, o que leva a evasão escolar, acarretando durante o processo de aprendizagem dificuldades de leitura e escrita. Seguiremos o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística numa abordagem variacionista, que tem seu princípio com os estudos do William Labov, em que é possível medir o número de ocorrência de usos de uma variante e, sobretudo, levantar hipóteses sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante. Ao refletir sobre as ocorrências neste artigo ressaltamos o valor da fonologia e fonética na leitura e escrita. A partir desta reflexão, tomaremos como primordial o desenvolvimento da consciência fonológica como requisito para qualquer método de alfabetização. Ou seja, através das regras variáveis fonológicas, evidenciar as marcas de oralidade, especialmente, regras sociolinguísticas de variação e mudança produtivas no grupo

¹ Mestrandas em Linguística na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



social EJA. Dessa forma, enfatizamos que esses processos devem ter atenção maior por parte dos educadores, para que os alunos possam ter o conhecimento de que a escrita não está totalmente ligada à fala.

Palavras-chave: Segmentações. Oralidade. Escrita

Abstract

This work has as objective to show the result of a research on unconventional targets (hypo segmentation and hyper segmentation) texts written by students of the EJA (*Educação de Jovens e Adultos*) or Youth and Adult Education). It is essential to emphasize the importance of research that may help as well, improving the quality of teaching in adult education since many students argue that this modality cannot continue their studies by working holistically, which leads to truancy, resulting in the process of learning difficulties in reading and writing. It follows the theoretical-methodological approach in variations sociolinguistics, which has its beginning with the studies of William Labov, it is possible to measure the number of occurrence of a variant of uses and especially hypotheses on the main trends of use in relation to this variant. In reflecting on the events in this article we emphasize the value of phonetics and phonology in reading and writing. From this reflection, we will take as the primary development of phonological awareness as a prerequisite for any method of literacy. In other words, through the variable phonological rules, show the marks of orality, especially rules of sociolinguistic variation and change in productive social EJA group. Thus, we emphasize that these processes should be greater attention from educators to students to have the knowledge that writing is not fully connected to speech.

Key words: Segmentations. Orality. Writing.

1.Considerações iniciais

Antes de abordarmos diretamente a nossa pesquisa cabe aqui, abrir um parêntese para falarmos sobre a Sociolinguística, uma área que tem como foco a língua em uso no meio das comunidades de fala,



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



centrados em um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais, visando os empregos linguísticos concretos em particular os de caráter heterogêneo. O principal objeto dessa área é

o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social. Isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (MUSSALIM & BENTES 2003, p.21):

Desse modo, percebemos que qualquer língua ao ser falada em uma comunidade, mostra variações. O que significa dizer que qualquer língua é concebida por um conjunto de variedades. Notamos então, de acordo com a autora que a Sociolinguística “encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”. Partindo desse pressuposto, propomos neste artigo uma reflexão sobre a relação entre fala e escrita, enfocando exatamente, a oralidade marcada na produção escrita, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Segundo Segmento- 1º ano do Ensino Fundamental (5ª /6ª) e Segundo Segmento -2º ano (7ª/8ª) e 2º Ano do Ensino Médio, mais especificamente, veremos aqui, a hipossegmentação e a hipersegmentação.

Nesse sentido tomaremos como suporte teórico a Sociolinguística Variacionista, que tem seu princípio com os estudos do William Labov, o qual considera o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala e utilizando um modo de análise quantitativa dos dados obtidos. Foi William Labov quem inaugurou os estudos da Sociolinguística em 1963, quando analisou o inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard*, no estado de Massachusetts (EUA). Logo em 1964, esse autor chega ao término de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em *New York*, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – denominado como Sociolinguística Variacionista. (ALKMIM, 2008).

2. A modalidade de ensino EJA



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Ao analisar o contexto histórico da modalidade de ensino EJA nota-se a falta de atenção das políticas educacionais, pois somente depois de muito tempo é que esta modalidade de ensino passou a ser valorizada na LDB, quando afirma o direito à Educação, inclusive àqueles que não a tiveram na idade própria. A partir desse primeiro momento surgiram fóruns de debates mais intensos para a resolução de problemas que se referem a este ensino que precisa ainda de um olhar cuidadoso das políticas públicas.

É fundamental neste campo de investigação pesquisas que possam auxiliar como também, melhorar a qualidade do ensino na EJA, pois hoje a maior dificuldade não é trazer os alunos dessa modalidade para a escola, mas sim conseguir com que eles permaneçam em sala de aula. Muitos deles argumentam que devido ao trabalho durante o dia não conseguem manter muito tempo em sala de aula no período noturno.

Vemos então, que a responsabilidade é lançada ao educador, o qual deverá encontrar novas metodologias de ensino, para que esses alunos que tardiamente chegam ou retornam à escola não venham a desistir durante o seu processo de aprendizagem.

Embora o aluno jovem e adulto chegue à escola apresentando domínio da linguagem, pois desde os primeiros inícios de sua vida já a utiliza, é necessário que a linguagem seja melhor elaborada para ir ao encontro das necessidades impostas nesta sociedade em constante transformação, no que se diz respeito a produção e de difusão de novos conhecimentos. Dessa forma, a linguagem passa a ser vista como o mecanismo fundamental de comunicação e de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.

Em síntese a Educação de Jovens e Adultos trata-se de uma modalidade de ensino, e também é parte integrante da Educação Básica. É destinada aos alunos que não concluíram na idade apropriada os estudos do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio. Essa designação Educação de Jovens e Adultos² substituiu o termo Ensino Supletivo da lei nº 5.692/71. Assim, acreditamos que a EJA seja mais do que um direito para os cidadãos brasileiros, pois a partir dela abrem-se as portas para o pleno exercício da cidadania.

3. Linguagem e Ensino

² Cf. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: Segundo Segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série (2002).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Ao refletir sobre a linguagem ressaltamos a importância da fonologia e fonética na leitura e escrita. Para tanto, nos atemos à interferência que elas causam na escrita, já que o aluno ao escrever leva à escrita traços de sua oralidade. Para falar sobre essa temática é necessário abordarmos a consciência fonológica, conforme abaixo:

A leitura e a escrita são parasitárias da fala e de que o desenvolvimento da consciência fonológica favorece a compreensão do princípio alfabético subjacente à ortografia do português e de um grande número de línguas. (BORTONI, 2006, p.206)

Nesse processo, o que muitas vezes fica de fora ocasiona mais tarde em variantes na escrita dos alunos, uma vez que sem estar ciente que as letras diferem dos sons da fala, o aluno não consegue identificar em sua escrita a interferência da fala e tende a pensar na primeira como algo totalmente igual à segunda. É necessário então, que o aprendiz tenha conhecimentos da variedade interna nas grafias que usamos numa palavra, que as letras representam partes sonoras das palavras que falamos e partes menores que a sílaba, pois sabemos que os maiores desafios dos aprendizes para a compreensão do princípio alfabético é o de perceber que as palavras escritas contêm combinações (letras ou combinações de letras), as quais mantem uma relação com as unidades sonoras das palavras (fonemas). Mas para isso, é necessário que os alunos adquiram conhecimentos do tipo metalinguístico ao analisar as palavras não só quanto aos seus significados, mas também quanto aos segmentos sonoros que as compõem.

Assim notamos que a oralidade tem uma forte influência na produção escrita, pois durante o processo de aprendizagem da linguagem escrita, há uma propensão do aluno, em entendê-la como uma reprodução da fala. É importante ressaltarmos, que é inegável que essas marcas do oral no escrito não acontecem por acaso, pois elas estão continuamente amparadas nos fenômenos das variações linguísticas, pois a língua não é estática.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



4. As segmentações não convencionais: hipossegmentação e hipersegmentação

Para dar conta de possíveis explicações para as ocorrências das marcas da oralidade na escrita, durante a análise, nos valeremos das segmentações não-convencionais, que alguns autores identificam como a hipossegmentação e hipersegmentação .

Conforme Cunha e Miranda (2008) a hipossegmentação é quando existe na escrita a união de palavras entre si, e a hipersegmentação por sua vez, consiste na separação, ou seja, um espaçamento numa mesma palavra por dois vocábulos. Para Veçossi (2010), estes são “casos de junturas e/ou separações indevidas de palavras”, e a hipersegmentação de acordo Cunha e Miranda (Idem) é a alocação de espaço dentro da palavra.

Observamos na literatura especializada no Brasil e no exterior, que a ênfase no desenvolvimento da consciência fonológica permite aos alunos compreender o princípio alfabético e segmentar sequências fonológicas e ortográficas. Isso leva à identificação das palavras e, em consequência, à compreensão do sentido do enunciado escrito (cf. BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2003). Assim, para tratar deste assunto mostraremos no quadro abaixo as ocorrências dos fenômenos linguísticos observados nos textos selecionados dos alunos.

5. A análise dos dados

Para nosso contexto de pesquisa selecionamos 30 textos de alunos da modalidade EJA de uma escola pública, localizada no Bairro Cidade Alta da cidade de Cáceres-MT, das turmas do 2º Segmento 1º Ano e do 2º Segmento 2º Ano do Ensino Fundamental e do 2º Ano do Ensino Médio, do período noturno, desenvolvidos nas atividades de produções textuais nas aulas de Língua Portuguesa, no 2º bimestre de 2013, em que foi possível perceber a ocorrência dos fenômenos linguísticos da hipersegmentação e da hipossegmentação, como veremos no quadro a seguir:

Quadro 1.

SEXO	SÉRIE	HIPOSEGMENTAÇÃO	HIPERSEGMENTAÇÃO
Fem.	Ens. Fund. (5 ^a /6 ^a)		sobre viver (sobreviver)
Fem.	Ens. Fund. (5 ^a /6 ^a)	agente (a gente)	
Masc.	Ens. Fund.(5 ^a /6 ^a)		sobre viver (sobreviver)
Fem.	Ens. Fund.(7 ^a /8 ^a)		de mora (demora)
Masc.	Ens. Fund.(7 ^a /8 ^a)	agente (a gente)	de feitos (defeitos)
Masc.	Ens. Fund.(7 ^a /8 ^a)		a trapalha (atrapalha)
Masc.	Ens. Fund.(7 ^a /8 ^a)		a prender (aprender)
Masc.	Ens. Fund. (7 ^a /8 ^a)		a niversário (aniversário)
Masc.	Ens. Fund.(7 ^a /8 ^a)		de pois (depois)
Fem.	Ens. Fund. (7 ^a /8 ^a)	comedo (com medo)	
Fem.	Ens. Fund. (7 ^a /8 ^a)	asvezes (as vezes)	mui to (muito)
Fem.	Ens. Fund. (7 ^a /8 ^a)		deixa-se (deixasse)
Fem.	Ens. Méd.(2ºAno)		de mas (demais)
Masc.	Ens. Méd. (2º Ano)	porele (por ele)	
Masc.	Ens. Méd. (2º Ano)	porondi (por onde)	de mais (demais)
Masc.	Ens. Méd. (2ºAno)	derepente (de repente)	
Masc.	Ens. Méd. (2ªAno)		na quele (naquele)
Masc.	Ens. Méd. (2ºAno)	porisso (por isso)	

Passamos agora a demonstrar os resultados das segmentações não convencionais percebidos no decorrer da análise, a partir de cada fator separadamente. Iniciamos com o fator sexo, que teve a ocorrência em 7 textos do sexo feminino e em 11 textos do sexo masculino. Em relação à escolaridade referente ao sexo feminino foram observadas 2 ocorrências em textos da 5^a/6^a série , na 7^a/8^a apresentaram 4 ocorrências, no 2º Ano do Ensino Médio 1 ocorrência. Analisando as segmentações não convencionais vimos que nas turmas 5^a/6^a houve 1 caso de hipossegmentação do sexo feminino e 2 casos de

hipersegmentação do sexo masculino. Na 7ª/8ª série teve 1 caso de hipossegmentação do sexo masculino e 2 casos do sexo feminino. Na mesma série foram percebidos a ocorrência de hipersegmentação em 1 texto do sexo feminino e em 5 textos do sexo masculino. Na turma do 2º Ano do Ensino Médio teve 1 caso de hipersegmentação do sexo feminino e 2 casos do sexo masculino. Quanto à hipossegmentação encontramos 4 casos em textos do sexo masculino, não havendo em textos do sexo feminino esse tipo de segmentação.

Desse modo, os textos que tomamos como referência para esta investigação evidenciaram os seguintes percentuais:

Quadro 2.

Escolaridade	Apl/ Total	%
5ª /6ª e 7ª/8ª- Ens. Fundamental	12/14	85,7
2º ano Ens. Med.	6/16	37,5

Percebemos que há uma diferença bem nítida aos percentuais referentes às ocorrências em estudo: num total de 14 textos do ensino fundamental, houve 12 ocorrências em que dois alunos da mesma turma apresentaram os dois casos em questão totalizando 85,5% de ocorrências, enquanto que a turma do Ensino Médio contrastivamente, apresentou 37,5% de ocorrências de um total de 16 textos ocorrendo em apenas 6 como pode ser observado no quadro2. Verificamos também que os alunos apresentando escolaridades diferentes evidenciaram em suas escritas a mesma quantidade de casos de hipossegmentação (4 ocorrências nos textos do ensino fundamental e 4 no ensino médio), como mostra o quadro 1.

Ao se tratar de hipossegmentações como ocorrências que apresentam falta de espaço entre fronteiras vocabulares, Cunha (2004) demonstra duas principais tendências: a juntura entre uma “palavra

gramatical” e uma “palavra fonológica”, como podemos ver abaixo no exemplo 1 e a junção entre duas “palavras fonológicas”, no exemplo 2, retirados dos textos dos alunos da EJA, que se encontram no quadro 1.

1. agente (a gente).
2. comedo (com medo)

Existe ainda, de acordo com a autora, a presença de dois outros tipos de ocorrências: a junção entre uma “palavra fonológica” e uma “palavra gramatical”, as quais foram notadas nos trechos seguintes dos textos selecionados para esta análise, como mostra o exemplo 3: “(...) todos teriam de passar **porele** quando amanheceu (...)”, e a junção entre duas “palavras gramaticais”, conforme aparece em 4 : “(...) eu era muito pequeno quando isso aconteceu **porisso** não sentia tanta falta dela (...)”.

- (3) porele (por ele)
- (4) porisso (por isso)

Nesse contexto, salientamos Cunha (2004, p. 49) que nos aponta a existência de quatro tipos de hipersegmentação: palavra gramatical+ palavra fonológica, palavra fonológica + palavra gramatical, palavra gramatical+ palavra gramatical e a palavra fonológica + palavra fonológica. Para Zorzi (2008), a hipersegmentação consiste na separação não convencional de palavras, ou seja, consiste em um espaçamento em um mesmo vocábulo.

Desse modo, as ocorrências das hiposegmentações e hipersegmentações no quadro 1, assemelham-se às variações nas escritas dos alunos. Isso nos reforça a ideia de que os educadores precisam valorizar a consciência fonológica para que os aprendizes não cometam esses tipos de segmentações não convencionais.

Nos dados verificados observamos nos trechos (...) esses professores quer o bem pra **agente** e pra nós aprender (...) (retirado do texto de um aluno da turma 7^a/8^a do sexo Masc.); (...) só que tem uns alunos não deicha **agente** estudar e fica bagunsando na escola (...) (retirado do texto de um aluno da turma 5^a/6^a- do sexo Fem.) - Gostaríamos de ressaltar que todos os dados selecionados para análise estão grafados exatamente como se encontravam nos textos, preservando a forma de escrita dos alunos- que o vocábulo



agente, ocorrência denominada hipossegmentação, apareceu em um texto do sexo feminino da turma 5^a/6^a e em um texto do sexo masculino da turma 7^a/8^a. Outro vocábulo é **sobre viver** como vemos nos seguintes trechos(...) é interessado a estudar é lugar de aprender e **sobre viver**, por que sem nosso estudo não somos nada (...) (retirado do texto de um aluno do sexo masculino da da 5^a/6^a); (...) nossa escola é lugar de aprender e **sobre viver** dentro de sala de aula; (turma 5^a/6^a - sexo Fem.) ocorrendo desta vez a hipersegmentação.

Dentre outros casos em que ocorreram a hipersegmentação, temos a ocorrência **deixa-se** (deixasse) que aparece no seguinte trecho: (...)Penélope não aceitou se casar com ele, então ela saiu correndo, entrou em seu quarto e pediu para que a mãe dela a **deixa-se** em paz (...) (7^a/8^a-sexo Fem.) .

Vemos então, que o aluno por meio da decodificação fonológica, traduz sons em letras, quando se lê, e faz o inverso, quando escreve. Podemos aqui reconhecer o que alguns pesquisadores afirmam que o processo da leitura e da escrita envolve, muito mais que a compreensão do princípio alfabético. Ou seja, os processos ler e escrever são complexos, “o segundo ainda mais complexo que o primeiro, que exigem conhecimentos de natureza sintática, semântica e pragmático-cultural, que o leitor vai adquirindo à medida que amplia o seu léxico ortográfico, nos estágios subsequentes a fase de alfabetização”. (Bortoni, 2006, p.204).

Na mesma linha de pensamento Allende e Condemarin (1987, p.46) denomina consciência linguística como “o conhecimento consciente do indivíduo dos tipos e níveis dos processos linguísticos que caracterizam as expressões faladas”. Dessa forma, esses processos devem ter atenção maior por parte dos educadores, pois os alunos tem que ter conhecimento de que a escrita não está totalmente ligada à fala. A partir das teorias que partem dessas premissas nos levam a perceber que cada palavra ou partes da palavra é formada de um ou mais fonemas, habilidades essas relacionadas à consciência fonológica.³

6. Considerações finais

³ Ver “Consciência Fonológica” In: Letra A – O jornal do Alfabetizador, publicação do Ceale/ UFMG, ano 1,n.2,p.13,jul.de 2005.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Assim nos propusemos fazer uma breve reflexão sobre a relação entre fala e escrita, da oralidade marcada na produção escrita na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Notamos que as segmentações não convencionais (hipossegmentação e a hipersegmentação), retiradas dos textos dos alunos produzidos durante as aulas de Língua Portuguesa mostrou que a aquisição da linguagem oral serve como importante parâmetro para a análise e compreensão da aquisição da escrita, sem desconsiderar que ambos são processos distintos. Essas segmentações não convencionais acontecem devido a falta de domínio dos aspectos do conhecimento linguístico, como também do pouco conhecimento que possuem acerca da fonologia da língua daqueles que tardiamente chegam/retornam a escola, neste caso alunos da modalidade EJA.

REFERÊNCIAS

- ALLIENDE, Felipe; CONDERMARIN, Mabel. *Leitura, teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- BORTONI, Ricardo Stella Maris. *Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução* / Secretaria de Educação Fundamental, 2002.
- CUNHA, Ana Paula Nobre da, Miranda, Moresco Ana Ruth. *A hipossegmentação da escrita e os processos de sândi*. In: *Anais do CELSUL 2008*. Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
- CUNHA, A. P. N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.
- MUSSALIM, Fernanda e Bentes, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.1. São Paulo: Cortez, 2003.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



VEÇOSSI, Cristiano Egger; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana. *A hipo e a hipersegmentação em dados de escrita de alunos da 8ª série: influência exclusiva dos constituintes prosódicos/ Verba Volant*, v. 2, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

ZORZI, J. L. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.